

Resenha

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VIDAS ETERNAMENTE SECAS

Mariana Passos Ramalhete Guerra (Mestranda em Letras, UFES)

marianaramalhete@yahoo.com.br

Raquítica, pálida e doente
fica a pobre criatura
e a boca da sepultura
vai engolindo o inocente.
Meu Jesus! Meu Pai Clemente,
que da humanidade é dono,
desça de seu alto trono,
da sua corte celeste
e venha ver seu Nordeste
como ele está no abandono.

Patativa do Assaré

Árido, seco, hostil, áspero. Ler a obra de Graciliano Ramos é como tocar na terra do sertão nordestino e sentir integralmente a dureza e a agressividade num lugar onde o destino é condicionado por um sol que brilha como se existisse unicamente para castigar seus habitantes. É como apalpar e vivenciar um ambiente onde qualquer possibilidade de sonho e vida secam.

Publicado em 1938, “Vidas Secas” de Graciliano Ramos (1892-19853), uma das

obras mais valiosas e expressivas da Literatura Brasileira, se conjuntura no cenário literário do Modernismo: a “Geração de 30”. Inserido num contexto regionalista, a obra expõe, com maestria, os crudelíssimos problemas da seca do sertão nordestino e da opressão social vivenciada pelos retirantes. O livro exhibe de modo abrupto e inquietante a história da degradada família composta por Fabiano, Sinhá Vitória, Menino mais novo, Menino mais velho e pela cachorra Baleia. Flagelados, miseráveis, famintos e raquíticos, possuem uma vida mais que “dura”: é uma subvida nordestina.

A caatinga e a seca, obrigatoriamente, fomentam-lhes comportamentos nômades na busca incessante por sobrevivência. Por conseguinte, esse anseio torna-se um ciclo, no qual há sempre um recomeço, e, sem destino, só lhes resta a opção de retirada. Logo, o romance adquire dimensão praticamente épica, ao problematizar de modo lúcido, a flagrante realidade das exasperantes e perenes condições de sobrevivência no sertão, definida concretamente pela viagem sem rumo da família dos desprovidos ao extremo. Reproduz, metonimicamente, por meio do relato dos “sem destino”, o drama, que no Brasil, geralmente ultraja multidões de errantes em busca de uma vida melhor.

As misérias dos personagens são narradas em terceira pessoa. O autor divide, a seu bel prazer, o livro em treze capítulos que narram a retirada, a permanência na fazenda e uma segunda retirada. Tais fatos são narrados a uma maneira bem peculiar e paradoxal: os capítulos mantêm certa autonomia, fragmentação e interdependência, todavia Graciliano Ramos os justapõe harmoniosamente. É por trás dessa composição aparentemente desconexa, que se configura uma relação, quase que umbilical, entre a linguagem e a temática social da produção. Graciliano explora com talento a descontinuidade dos episódios, focalizando singularmente, o traço dominante no caráter de cada integrante da

família.

Os personagens supracitados representam uma típica família sertaneja nordestina: pobre, miserável, e extremamente faminta a ponto de procurar raízes para saciar sua fome e comer um papagaio, que era um de seus bichos de estimação:

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembranças disso. (RAMOS, 2008, p.11).

Já no capítulo inicial, verifica-se um vocabulário mais direto, rude e seco, a fim de representar seus interlocutores, o ambiente e as condições socioeconômicas que os cercam. Em seu estilo refinado e frugal, Graciliano adota uma linguagem comedida, ora pelo uso moderado de adjetivações, ora pelo uso de frases breves, concisas. Assim, recria, de forma espetacular, a secura de vida dos personagens e da paisagem nordestina.

Nesse mesmo fio condutor, as adjetivações são restritas ao máximo. O autor descreve suas criaturas de maneira bem simples, como o ambiente e o meio social em que vivem exigem. Fabiano era vaqueiro; Sinhá Vitória era dona de casa que desejava a “cama com lastro de couro”. As crianças sequer não são nomeadas. O menino mais novo, ingênuo, vê no pai um modelo a ser seguido. O menino mais velho, curioso e inquieto. E por último a cachorra Baleia, magra, faminta e manifestando comportamentos humanos. A passagem a seguir, explica melhor: “Sinhá Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam

pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.” (RAMOS, 2008, p.37).

Assim, a referência à *secura* é flagrante em todo o livro. O tratamento da linguagem, por exemplo: praticamente não existem diálogos. Os personagens se comunicam por interjeições, onomatopéias, “rugidos”, “grunidos”, resmungos e expressões monossilábicas: “Mas Sinhá Vitória não queria saber de elogios. ____ Arreda!” (RAMOS, 2008, p. 40).

Essa comunicação escassa e limitada é mostrada com mais veemência na passagem a seguir:

Na beira do rio haviam comido papagaio que não sabia falar. Necessidade. Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevezados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. (RAMOS, 2008, p.36).

Em seu estilo depurado e sóbrio, pelo uso escasso do vocabulário, comedido de adjetivos e abuso de frases curtas, a obra romanesca reitera e amplia a problemática social de personagens que são tão rústicos e marginalizados, que não possuem nem uma das mínimas condições de sobrevivência que é a comunicação. Condição essa (linguagem), que diferencia o ser humano dos outros “bichos”.

O discurso indireto livre cria também, uma convergência entre o que está sendo narrado e o leitor. O que caracteriza esta refinada técnica é a ambigüidade resultante da fusão entre o discurso no narrador e as falas ou pensamento dos personagens: “Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!” (RAMOS, 2008, p. 94). Essa engenhosa técnica corrobora para a reflexão acerca das condições inimagináveis e

desumanas de sobrevivência, acirrando ainda mais os aspectos sociais da obra. Em todo livro permite-se entrever marcas do contexto histórico-social da saga do povo do sertão nordestino. Em “Vidas Secas” ouve-se a voz deste povo. Ouve-se a voz dos personagens de poucas falas.

Graciliano Ramos penetra no pensamento, na carne, nos ossos e na alma de cada um dos membros da família de Fabiano, expondo a atroz realidade desses nordestinos. Escancara e magreza e a ela não lhe dá um enfoque ornamental; “pinta” um infeliz quadro acerca da realidade do sertão nordestino de sua época, sem, contudo, isentá-lo do cenário nacional que, da mesma forma, conserva-se tão excludente. Destarte, o autor permite que o leitor, mais curioso, remexa nas gavetas da sua produção literária, e visualize a obra não apenas como reflexo de uma realidade, mas ação relevante e atual da dinâmica de uma região extremamente castigada. Eis, pois, o convite.

Tanto a atmosfera social como a física, ofuscam, bloqueiam e impedem uma melhora de vida: a natureza é austera e o “chicote” das condições socioeconômicas aflige, tal qual animais, os personagens. A vida, nesse sentido, torna-se de todas as formas, eternamente seca.

Por trás dos eventos narrados, subjaz permanentemente, a utopia de justiça social. Isso se manifesta no anseio maior que congrega todos os personagens em torno de uma aspiração comum: o direito à fala, à comida, à moradia, enfim, à cidadania. Todavia, a seca bloqueia qualquer intento de acesso a esses direitos. Como um caçador à procura de sua caça, permanece sempre à espreita, à espera do momento de aniquilar qualquer chance de defesa. Ela calcina o corpo e a alma dos personagens, até nos relacionamentos interpessoais. Paralelamente, a exploração econômica é leviana e calcina tanto quanto a seca, à medida que contribui para a perenização de uma estrutura social profundamente

díspare, injusta e concentradora.

O romance aguça o olhar crítico com alusão, particularmente, à miséria e às relações de poder e subserviência, ainda existentes em território nacional. O assunto abordado em *Vidas Secas* ainda não se alterou e tal imutabilidade permite-nos uma sensação desconfortante, um incômodo, visto que não caminhamos adiante.

Por tudo isso “*Vidas Secas*” é um romance áspero e rude, e, de forma contundente, já apontava a urgência na reforma agrária e social do país há mais de 70 anos. É uma obra clássica, mas inquietante e questionadora que quase escancara que o “sol nasce para todos”, mas a sombra, não.

Certamente esse livro é um grito. Enquanto houver crianças e adultos à beira da morte por causa da fome, da miséria, do descaso... a obra continuará sendo atual, e permanecerá sendo, seguramente, um brado contra a opressão, exclusão e distribuição desigualitária de renda. É nessa certeza me arraigo e dela não largo para anteceder aqui meu ponto final.